



MICHEL PÊCHEUX: MATERIALIDADE DISCURSIVA, INTERPELAÇÃO DO SUJEITO E LUTA DE CLASSES

MICHEL PÊCHEUX : MATÉRIALITÉ DISCURSIVE, INTERPELLATION DU SUJET ET LUTTE DES CLASSES

Lucas Nascimento¹

Graziela Kantorski²

Nilson Weisheimer³

Resumo: Este artigo investiga as contribuições de Michel Pêcheux para a Análise do Discurso a partir do materialismo histórico, explorando a relação entre ideologia, discurso e a constituição do sujeito. O objetivo central é analisar como Pêcheux, fundamentado na teoria althusseriana, constrói o conceito de materialidade discursiva, articulando marxismo, psicanálise lacaniana e linguística para compreender os mecanismos de poder e subjetivação nas práticas discursivas. Os resultados demonstram que a ideologia opera como uma prática material que atravessa o sujeito e se manifesta nas formações discursivas, sendo a luta de classes o princípio organizador que perpassa tanto as estruturas sociais quanto as formações discursivas e os processos de significação. A conclusão evidencia que, embora os Aparelhos Ideológicos de Estado atuem na reprodução da dominação, as fissuras inerentes ao discurso abrem espaço para a resistência. O conceito de desidentificação de Pêcheux surge como gesto político crucial, permitindo ao sujeito romper com as evidências ideológicas e engajar-se numa práxis transformadora, conforme sintetizado no imperativo “ousar pensar e ousar se revoltar”. O estudo reafirma a atualidade de obras como *Les Vérités de la Palice* (1975) de Pêcheux para a análise das contradições sociais e das possibilidades de emancipação.

Palavras-chave: materialismo histórico; análise de discurso; ideologia; interpegação do sujeito, luta de classes.

Résumé: Cet article examine les contributions de Michel Pêcheux à l'analyse du discours dans une perspective matérialiste historique, en explorant les liens entre idéologie, discours et constitution du sujet. L'objectif principal est d'analyser comment Pêcheux, s'appuyant sur la théorie althussérienne, construit le concept de matérialité discursive, en articulant marxisme, psychanalyse lacanienne et linguistique pour comprendre les mécanismes de pouvoir et de subjectivation dans les pratiques discursives. Les résultats démontrent que l'idéologie opère comme une pratique matérielle qui traverse le sujet et se manifeste dans les formations discursives, la lutte des classes étant le principe organisateur qui imprègne à la fois les structures sociales et les formations discursives, ainsi que les processus de signification. La conclusion montre que, bien que les appareils idéologiques d'État participent à la reproduction de la domination, les fissures inhérentes au discours ouvrent un espace de résistance. Le concept de désidentification chez Pêcheux apparaît comme un geste politique crucial, permettant au sujet de rompre avec les évidences idéologiques et de s'engager dans une praxis transformatrice, résumée par l'impératif « oser penser et oser se révolter ». Cette étude réaffirme la pertinence d'ouvrages tels

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisador do Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som no Museu Nacional/UFRJ – FAPERJ (Fundação Carlos Chaga Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro). Analista do discurso e Professor universitário. Meu agradecimento ao apoio de fomento da FAPERJ (processo: E-26/204.599/2021, pesquisa em andamento no Setor de Linguística do Museu Nacional/UFRJ) para a apresentação deste trabalho no I CIMP – Colóquio Internacional Michel Pêcheux: 50 anos do *Les Vérités de la Palice*, no simpósio temático 3: *Discurso e ideologia(s)*, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) com pesquisa que entrelaça leitura e formação do sujeito-leitor, pensando a universidade contemporânea como espaço de atravessamentos, resistências e reinvenções. Revisora de materiais didáticos da SEAD – Universidade Federal da Bahia.

³ Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós-Doutor pelo Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP). Professor Associado da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdade e Desenvolvimento (PPGCS) da UFRB. Líder do Núcleo de Estudos em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural (NEAF/UFRB – CNPq) e do Observatório Social da Juventude (OSJ/UFRB – CNPq). Editor Executivo da Revista Princípios.

que *Les Vérités de la Palice* (1975) de Pêcheux pour l'analyse des contradictions sociales et des possibilités d'émancipation.

Mots-clés: matérialisme histórico ; analyse du discours ; idéologie ; interpellation du sujet ; lutte des classes.

Introdução

Nosso encontro aqui é para investigar a contribuição de Pêcheux acerca de ideologia e do discurso, ancorada no materialismo histórico e na concepção althusseriana de ideologia. Partimos da perspectiva de que o discurso emerge de determinações históricas e de formações ideológicas que orientam modos de enunciação e configuram posições possíveis do sujeito (Pêcheux, 1975; 1980). A influência de Althusser e seu conceito de ideologia como uma estrutura material que impõe sentidos e significações orienta esta reflexão, sobretudo no modo como essas significações se articulam nas formações discursivas e nas subjetivações que delas emergem. No campo da Análise do Discurso, essa abordagem implica uma leitura psicanalítica da materialidade, em que o discurso se apresenta não apenas como um veículo de sentido, mas como a própria instância que aliena e funda o sujeito, ao articular o inconsciente e a ideologia. A partir dessa perspectiva, buscamos investigar a posição de Michel Pêcheux sobre como a ideologia atravessa o discurso e marca a constituição do sujeito e, assim, evidenciar convergências e deslocamentos feitos por Pêcheux em relação a Althusser.

Formado na École Normale Supérieure, Michel Pêcheux esteve próximo de Louis Althusser e Georges Canguilhem, articulando a crítica marxista das formações discursivas com a leitura psicanalítica do sujeito atravessado pela linguagem. Sua tomada de posição epistemológica situa-se no entremeio do Materialismo Histórico e da Psicanálise Freud-Lacaniana, deslocando fronteiras da Análise do Discurso Materialista ao evidenciar seu enraizamento ideológico e sua articulação com um sujeito que se estrutura nos deslizamentos da língua(gem). Essa perspectiva o afasta de abordagens fenomenológicas ou estruturalistas puras, ao mostrar que o sujeito se constitui nas tensões produzidas pelo discurso, pela ideologia e pelo inconsciente (Pêcheux, 1975; 1980).

A partir dos anos 1960, a obra de Pêcheux tensiona a Linguística Estrutural, ao evidenciar que a linguagem não é neutra nem transparente, mas atravessada por determinações históricas e ideológicas. Nesse contexto, a Análise do Discurso de linha francesa (ou Escola Francesa de Análise do Discurso) tornou-se espaço privilegiado para interrogar a constituição do sujeito no campo simbólico, no qual a interpelação ideológica determina modos de enunciação e posições possíveis no discurso. É justamente nesse

movimento que se adensam os fundamentos que sustentam as formulações posteriores de Pêcheux, permitindo compreender o percurso que conduzirá à noção de materialidade discursiva.

Em seus primeiros escritos, Pêcheux assinou como Thomas Herbert, marcando a fase pré-fundadora da AD francesa. Sob esse pseudônimo, articulou as bases epistemológicas do projeto que desenvolveria posteriormente, em um contexto de perseguições acadêmicas e ideológicas (Narzetti, 2012). Essa etapa evidencia a relação entre sua prática de escrita e a formulação teórica de um campo interdisciplinar que integra Marxismo, Linguística e Psicanálise. Esse entrecruzamento teórico inaugurado na França reaparece, com suas próprias inflexões, quando observamos o modo como a AD foi recebida e reelaborada no Brasil.

No Brasil, a recepção das ideias de Pêcheux foi decisiva para a consolidação da Análise do Discurso. O filósofo Carlos Henrique Escobar desempenhou papel fundamental na difusão do pensamento de Pêcheux nas décadas de 1960 e 1970, ao traduzir e introduzir textos que articulavam Marxismo, Linguística e Psicanálise, promovendo a compreensão das relações entre discurso, sujeito e ideologia (Kogawa, 2012, 2015). Escobar atuou no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ), contribuindo para a formação de uma abordagem crítica da linguagem e dos mecanismos de poder presentes nos discursos. Sua atuação foi interrompida pela repressão da ditadura militar, mas o legado de suas traduções e interpretações permaneceu como ponto de referência na construção da Análise do Discurso no país. A partir desse legado, a teoria pêcheuxtiana adquire consistência institucional e se desdobra em novas leituras. Posteriormente, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a linguista Eni Puccinelli Orlandi e seu grupo tornaram-se os principais propulsores da AD no Brasil, consolidando os desdobramentos teóricos do projeto de Pêcheux em contextos acadêmicos e de pesquisa.

Mediada pela interpretação brasileira de Escobar, a influência de Althusser permitiu compreender a ideologia não como mera distorção ou manipulação consciente, mas como prática material que atravessa o discurso e constitui o sujeito, articulando a linguagem, o inconsciente e a formação de sentidos sociais (Pêcheux, 1975; 1980). É nesse cenário, entre filiações, deslocamentos e retomadas, que emergem as perguntas que sustentam o estudo e que apontam para a lacuna teórico-metodológica que buscamos enfrentar.

O problema que orienta esta investigação pode ser assim formulado: a partir de sua leitura do materialismo histórico de Louis Althusser, como Michel Pêcheux constrói uma teoria do discurso que integra Marxismo, Psicanálise e Linguística, e de que maneira essa

articulação teórica permite compreender a materialidade da ideologia, a constituição do sujeito e os mecanismos de poder presentes nas práticas discursivas?

A partir dessa formulação, deslocamos o olhar para os objetivos que organizam o percurso analítico do estudo. O objetivo geral desse exercício foi investigar de que maneira Michel Pêcheux, a partir de sua leitura do materialismo histórico e da concepção althusseriana de ideologia como estrutura material, constrói o conceito de materialidade discursiva para apreender a constituição ideológica do sujeito e os mecanismos de poder inscritos nas práticas discursivas. Nesse percurso, a análise retoma os fundamentos que sustentam a Análise do Discurso de linha materialista e acompanha seus desdobramentos no modo como o dizer se organiza, produz posições-sujeito e evidencia a historicidade dos sentidos.

A análise dirige-se a três objetivos específicos que se entrelaçam: o primeiro dedica-se a examinar como Pêcheux, em obras como *Les Vérités de la Palice* (1975) e textos da década de 1980, elabora uma teoria da ideologia que integra a Psicanálise, acentuando a opacidade da linguagem e a constituição do sujeito atravessado tanto pelo inconsciente quanto pela história. O segundo consiste em sistematizar, por meio de um quadro conceitual comparativo, as contribuições de Althusser e Pêcheux para apreender a materialidade ideológica e seus modos de operação nos Aparelhos Ideológicos de Estado e nas formações discursivas. O terceiro busca identificar as convergências e os deslocamentos teóricos operados por Pêcheux em relação a Althusser, especialmente no que concerne à constituição do sujeito no discurso e às dinâmicas de identificação, contraidentificação e desidentificação, situando a luta de classes como eixo que orienta a análise ideológica proposta por Pêcheux.

Com esses caminhos traçados, avançamos para a metodologia, que se apoia na abordagem descritivo-interpretativa própria da Análise do Discurso Materialista. Entendemos que as interpretações resultam dos modos de apropriação dos conceitos, das culturas e de leituras que inscrevem posições subjetivas. Isso politiza o sujeito em seu gesto de leitura e interpretação. Nesse ponto estão as políticas de produção de leitura e de escrita que são caracterizadas por modos de apropriação e mobilização de língua, de cultura, de sociedade, enfim – apropriações, por questões éticas, subjetivas, intelectuais, institucionais, entre outras (Nascimento, 2015; 2016).

Nessa direção, o resultado do trabalho em “teoria e análise discursiva” é correspondente aos efeitos metodológicos por modos de apropriação e mobilização de língua, enquanto inscrição de sentidos entre operação de compor o conjunto terminológico,

que respalda a descrição e a análise discursiva. Ou seja, a seleção dos conceitos teóricos (ou noções básicas ou não básicas), de descrição do objeto empírico, de detalhamento do objeto de estudo e do fazer analítico, que não se compõe apenas da descrição, mas, sobretudo, da análise: operação articuladora do domínio interno e externo do objeto empírico com esboço interpretativo embasado em propriedades de formações discursivas (Nascimento, 2014; 2017).

Com relação ao dispositivo da Análise do Discurso, trabalharemos com a presença da interpretação da produção de alguns conceitos de Louis Althusser e de Michel Pêcheux, que indiciam a produção de elementos ideológicos que podem envolver pistas e emblemas de acordo com seus interesses e objetivos, introduzindo tensões, provocando rupturas e apontando para a inclusão de perspectivas, de confluências ou para deslocamentos, distanciamentos teóricos, por exemplo. Sendo assim, a relação, aqui, que se estabelece, é uma relação social e política. Em outras palavras: a textualidade dos conceitos trabalhada pelos dois autores tem relação com as diferentes filiações de memória discursiva (Pêcheux, 1983a). Por essas “filiações de memória” é que o analista pesquisador tem o papel de trabalhar na investigação da transposição de filiações histórico-ideológicas, das heranças teóricas que proporcionam a produção e a promoção de postulados, ideias, teorias, ou até memo de um campo do conhecimento científico.

Metodologicamente, por escolha de alguns conceitos selecionados dos autores já referenciados é que se iniciará o trabalho de análise pela configuração do *corpus* (reunião desses conceitos), na medida mesma em que se vai incidir o trabalho de análise por retomadas aos conceitos e às noções da AD necessários, configurando os procedimentos teórico e analítico (Pêcheux, 1983b) em um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise. Esse procedimento se dará ao longo de todo o trabalho: começamos com a observação dos modos de construção do trabalho de análise e interpretação dos conceitos, avançamos os gestos de leitura à análise em que os conceitos estão inseridos (em capítulos, ensaios, livros etc.). Por meio da seleção de alguns conceitos, como “ideologia”, “sujeito”, “materialidade discursiva”, por exemplo, estaremos em condições de desenvolver as análises da pesquisa, com base em vestígios, pistas e emblemas que aí vamos encontrando, como indicado pelo paradigma indiciário por meio do qual possibilita restabelecer o debate sobre a relação entre sujeito e interpretação nos moldes da natureza do conhecimento humano (Ginzburg, 1989).

Isso significa dizer que o trabalho com pistas e/ou emblemas que nos aponta Ginzburg (1989, p. 147) torna possível tratar e significar um campo de sentidos, “a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente”. Recorrer ao paradigma indiciário é recontar uma história, pela recorrência à metonímia de modo a operar a interpretação de metáfora, de relações, de semelhanças, de aproximações, de filiações, na medida em que se trata de ler as pistas e os emblemas em um percurso temporal ou em percurso de trabalho específico, que, no caso de nossa pesquisa, se trata de examinar algumas influências e deslocamentos de Louis Althusser por Pêcheux na proposição deste em sua *Análise do Discurso Materialista*.

O estudo organiza-se em três seções principais: a primeira, “O caráter não transparente da linguagem: da obra *Les Vérités de la Palice* ao Pêcheux dos anos 80”, pontua o percurso de Michel Pêcheux dos anos 1970 aos idos 80 por conceitos fundamentais da AD; a segunda, “Da Ideologia à Materialidade Discursiva”, discute o deslocamento conceitual operado por Pêcheux em relação a Althusser; e a terceira, “Luta de classes – Ousar pensar e ousar se revoltar”, analisa a dimensão política e transformadora de sua teoria, destacando as formas de resistência e os gestos de desidentificação.

O caráter não transparente da linguagem: da obra *Les Vérités de la Palice* ao Pêcheux dos anos 80

Em obra como *Les Vérités de la Palice* (1975) e textos dos anos 1980, Michel Pêcheux desenvolve uma teoria da ideologia que integra a Psicanálise, o Materialismo Histórico e a Linguística. O ponto dessa integração reside na concepção de um *sujeito não transparente para si mesmo*, constituído simultaneamente pela *história* (ideologia) e pelo *inconsciente*, e na sua afirmação do caráter não transparente da linguagem.

É a partir da releitura que Pêcheux fez de Althusser o embasamento de algumas de suas formulações teóricas. Pelo gosto ao *Materialismo Histórico*, Pêcheux faz de Materialista sua *Análise do Discurso*. Por exemplo, o conceito de *ideologia* foi revisitado para formular as noções de *Formação Ideológica* e *Formação Discursiva* em *Les Vérités de la Palice* (Pêcheux, 1975). Não ficou de fora dessa história o conceito de *Sujeito* que não se confunde com *indivíduo*, *individualidade*, *pessoa falante*.

Michel Pêcheux conceitua a Formação Ideológica como um elemento fundamental que intervém como força em uma conjuntura social e histórica dada, a partir de posições de classe

específicas. A *formação ideológica* está intrinsecamente ligada à Formação Discursiva (FD), sendo a base material para a sua existência. Elas não são universais nem puramente individuais, mas se relacionam a posições de classe em conflito em um dado momento histórico. Para o autor, é a partir de uma *formação ideológica* que uma FD é determinada, ou seja, é ela que estabelece *o que pode e deve ser dito* (ou pensado) a partir de uma posição específica em uma dada conjuntura. Resumidamente, a *formação discursiva* é a materialização do discurso que decorre da *formação ideológica*. Pêcheux, então, baseia-se na releitura de Louis Althusser sobre a ideologia para sua elaboração teórica *formação ideológica e formação discursiva*.

Um dos interesses sobre o materialismo é o que leva a afirmar que a tomada de posição sujeito se materializa no discurso, pois, como esclarecem Pêcheux e Fuchs ([1975a]1990, p. 166), “*o discursivo é um dos aspectos materiais do que chamamos materialidade ideológica*”. Ainda: “*a língua constitui o lugar material onde se realizam os efeitos de sentido*” (Pêcheux; Fuchs, [1975]1990, p. 172). Por isso, uma prática material é que interpela os indivíduos em sujeitos. Assim, a formação ideológica é o mecanismo através do qual essa interpelação ocorre no campo discursivo.

Ainda em *Les Vérités de la Palice* (1975), Michel Pêcheux aprofunda o conceito de *formação discursiva* (FD), inspirado não só em Althusser como também na obra *A Arqueologia do Saber*, de Michel Foucault. Também há outras influências (diálogos) como: “[...] Foucault traz uma contribuição importante para as lutas revolucionárias de nosso tempo.” (Pêcheux, 1984, p. 18). Na obra de 1975, FD e ideologia (em suas formulações) se conectam no campo teórico para trabalhos analíticos que se debruçam sobre as lutas de classes, por exemplo, ou sobre o discurso comunista endereçado aos cristãos (Courtine, 1981a).

O conceito FD pode ser definido como materialização da ideologia. Pêcheux formula a formação discursiva como o mecanismo pelo qual a ideologia se materializa na linguagem. Isto por ela determinar *o que pode e deve ser dito* (e pensado) a partir de uma dada posição ideológica em uma conjuntura sócio-histórica específica. Para o autor, uma FD estabelece as regras e as condições para a produção de sentido, uma vez que o sentido não é transparente nem está disponível livremente. Sendo assim, o *sentido* é constituído dentro de uma formação discursiva específica e é, muitas vezes, imperceptível para o sujeito que a utiliza. Pêcheux inclusive afirma que é através da FD que o indivíduo é “interpelado” como sujeito pela ideologia dominante. Logo, ao falar (ou escrever) por meio de uma FD ou de várias FDs, o

sujeito ignora seu próprio assujeitamento e tem a ilusão de ser a origem de seu próprio discurso, um “ego-sujeito-pleno”.

Pêcheux esclarece também que as FDs operam sob a soberania do *interdiscurso*. Pêcheux define este outro conceito como *o todo complexo com dominante das formações discursivas*. Significa, sobretudo, que nenhuma FD existe isoladamente, pela exclusiva razão de que estão em constante relação (contradição, subordinação etc.) com outras FDs, o que introduz o caráter da heterogeneidade e da contradição no próprio discurso. Diante dessas formulações conceituais, vimos que, em *Les Vérités de la Palice*, Pêcheux refina a FD como conjunto de regras definidor de um modo próprio de dizer, intrinsecamente ligado a posições ideológicas e a relações de poder, cuja operação se dá de forma inconsciente para o sujeito.

Seu desenvolvimento teórico em *Les Vérités de la Palice* (1975) é fundamental para a Análise do Discurso (AD), porque Pêcheux marca uma revisão de postulados anteriores e aprofunda a relação com a Psicanálise (a compreensão do sujeito é de *natureza psicanalítica*). O autor utiliza a citação lacaniana “só há causa daquilo que falha” (*il n'y a de cause que de ce qui cloche*) como um ponto de autorização para incluir o sujeito em sua teoria, destacando, entre outros, a falha, o lapso e o sintoma como elementos cruciais na sua então análise do discurso. A inclusão de chistes⁴ no livro, por exemplo, é vista como um sintoma inscrito no texto, que revela o trabalho do inconsciente por fazer algo reprimido se tonar presente, aparente, latente. Esse é outro ponto fundamental da teorização do autor neste momento histórico.

Já nos textos dos anos 1980, Pêcheux⁵ aprofunda as revisões teóricas, pós fase dos “tateamentos” como transição e reavaliação teórica (Gregolin, 2004). Os textos refletem busca, amadurecimento, retificações, ou seja, reavaliação contínua da relação fundadora da Análise Automática do Discurso (AAD, 1969) com as concepções teóricas até 1983 (ano de sua morte), mantendo a Psicanálise como um dos pilares (junto à Linguística e ao Materialismo Histórico) para a compreensão do funcionamento da linguagem e da subjetividade. O período então serve para reflexões sobre o ponto de integração da Psicanálise

⁴ Um tipo de comentário que causa riso. “Chistes” são piadas, gracejos, graças, pilhérias, troças, facécias etc. Pode ser também uma válvula de escape do inconsciente, conforme é para a Psicanálise. Pode ainda ter conteúdo obsceno ou não. Os chistes funcionam como transgressão e revelação de algo verdadeiramente reprimido.

⁵ Pêcheux (1983c) escreveu texto que avalia a análise do discurso em três épocas. Refere-se à divisão histórica da Análise do Discurso Francesa, que se desenvolveu em três fases principais: a primeira (AD1) focou na análise automática e no estruturalismo, a segunda (AD2) incorporou conceitos como *formações discursivas* e a influência de Foucault, e a terceira (AD3) enfatizou o *interdiscurso* e a heterogeneidade.

na Teoria da Ideologia (Pêcheux; Gadet; Haroche; Henry, 1982; Plon, 2005). A integração da Psicanálise Freudo-Lacaniana por Pêcheux permite superar a visão de sujeito como autônomo, consciente e origem de seu próprio discurso.

O autor produziu epistemologicamente noções como:

(1) *Sujeito Dividido*: Pêcheux adota a noção lacaniana de sujeito do inconsciente (estruturado em linguagem), um sujeito descentrado, não-pleno, sujeito não controlador totalmente do que diz. Com isso, Pêcheux vem a afirmar que este sujeito é duplamente afetado pela ideologia e pelo inconsciente. Para ele, a ideologia interpela o indivíduo como sujeito (conforme Althusser nos ensina), fazendo-o acreditar ilusoriamente ser o autor de seu discurso e produtor consciente de sua fala. No entanto, o inconsciente introduz uma divisão, uma “falha”, um “furo”, que impede essa transparência total e revela a determinação do sujeito por algo que o excede, o escapa.

(2) *Linguagem Não Transparente*: contrário à tendência estruturalista e à semântica formal que postulam a transparência da linguagem pela intencionalidade e pela objetividade do sujeito, Pêcheux argumenta que a linguagem tem opacidade em administração com a transparência, de maneira que o sentido é impossível de ser imediato ou unívoco. A Psicanálise faz com que Pêcheux (1980; 1981a; 1981b; 1983b) sustente a ideia dessa opacidade, ao mostrar que a língua é o lugar onde se manifestam os processos inconscientes (lapsos, chistes, esquecimentos etc.). Por conseguinte, eles escapam ao controle consciente do falante. Portanto, isso leva Pêcheux a declarar que o que o sujeito pensa dizer e o que realmente diz podem estar em descompasso. Pêcheux (1983b) interroga o discurso como estrutura e acontecimento (atualização de uma memória!).

(3) *A Interpelação e a “Falha”*: a teoria da ideologia de Pêcheux postula que os indivíduos são interpelados em sujeitos por formações ideológicas. Em 1975, a obra é marcada com essa tese. Somado a isso, a Psicanálise entra em cena para explicar por que essa interpelação nunca é perfeita ou totalizante. A ideia de “falha” indica que há sempre um resto, um resquício, uma filigrana, algo que escapa à captura ideológica completa, permitindo a possibilidade de resistência e mudança discursiva.

Essa perspectiva de Pêcheux é também localizada em seu texto póstumo de 1984, como podemos ler, a seguir:

Simultaneamente, as alusões de Althusser ao caráter eterno do inconsciente (a repetição) e, também, o cuidado que ele toma em sublinhar a impossibilidade para um marxista de se apoiar nessas questões das concepções pré-freudianas do sonho (como pura nulidade ou como miscelânea resultante dos “restos diurnos”) visam, por esse outro viés, no qual o sonho, o lapso e o ato falho constituem uma série, o mesmo ponto do impossível. *Tomar até o final a interpelação ideológica como um ritual, supõe reconhecer que não é um ritual sem falha, falta e rachadura*: “uma palavra por outra” é a definição da metáfora, mas é também *o ponto onde um ritual ideológico vem se quebrar no lapso* (não faltam exemplos na cerimônia religiosa, no procedimento jurídico, na lição pedagógica ou no discurso político).

Dito de outra forma, *a ideologia toca o inconsciente pelo viés do impossível. O lapso e o ato falho marcam o impossível de uma dominação ideológica fora de toda contradição*. A série dos efeitos aqui resumidos pelas figuras do lapso e do ato falho infecta, assim, sem parar, toda a ideologia dominante, no próprio interior das práticas, nas quais tende a se realizar. [...] (Pêcheux, [1984]2014, p. 16, grifos nossos).

Diante desses postulados, Pêcheux utiliza a Psicanálise para fornecer uma base teórica (falha, falta, rachadura, quebra, lapso, ato falho...) à ideia de que o sujeito é um “efeito” da linguagem e da ideologia, determinado por processos históricos e inconscientes. Isso resulta em uma teoria da ideologia que vê a linguagem como um campo de lutas de sentido, onde a ilusão da transparência e da autonomia do sujeito é constantemente minada pelo trabalho do inconsciente e pelas condições materiais e históricas de produção do discurso.

Em texto de 1983, Pêcheux destaca que

Encarada seriamente (isto é, de outro modo que apenas uma simples “troca cultural”), essa aproximação [com a linguagem ordinária] engaja concretamente maneiras de trabalhar sobre *as materialidades discursivas*, implicadas em rituais ideológicos, nos discursos filosóficos, em enunciados políticos, nas *formas culturais e estéticas*, através de suas relações com o cotidiano, com o ordinário do sentido (Pêcheux, [1983b]1990, p. 49, grifos nosso).

Michel Pêcheux propõe que *formas culturais e estéticas não exclusivamente linguísticas* podem e devem ser objeto de uma análise. Essa proposta tem sido implementada por muitos analistas, seja por meio de trabalho com fotografias digitais ou não-digitais (Courtine, 1981b; Nascimento, 2019; 2024a; 2024b; Braga, 2020; Ribeiro, 2022), entre outras materialidades concretas. Assim, fotos, pinturas, grafites, pichações, curta metragens, *podcasts*, *jingle*, músicas, vídeos etc. são tomados como lugar material discursivo (não-linguístico). Lembramos que o discurso (interdiscursividade), o som (intersonoridade,

interacusticidade...), a imagem (intericonicidade, imageria, policromia, paráfrase visual, sintaxe imagética...), as audiovisuais⁶ são outras formas materiais culturais e estéticas (da ideologia) produzindo sentidos por percursos criativos e singulares – são materialidades do discurso.

Ao considerarmos a noção de materialidade discursiva, atentamo-nos para o dito por Pêcheux e Fuchs ([1975a]1990, p. 166): “o discursivo é um dos aspectos materiais do que chamamos materialidade ideológica”. Aqui, mais uma influência de Althusser em Pêcheux – *materialidade ideológica*. Essa afirmação nos deixa como herança que o discurso não é única materialidade da ideologia. As materialidades ideológicas dão forma à língua e ao discurso. Assim como a imagem e o som são também materialidades ideológicas do discurso. Essa possibilidade real é pelo fato de a imagem e o som (as audiovisuais) também assumirem diferentes formas – podendo ser vistas como materialidades “*culturais ou estéticas*” (Pêcheux, 1983b). Elas são formas materiais que integram a discursividade em um tempo-espaço determinado, marcam a responsabilidade de uma tomada de posição do sujeito no discurso, preenchida de subjetividade. A análise dessas materialidades discursivo-culturais e estéticas também são produzidas pelos procedimentos teórico-analíticos (Pêcheux, 1983b; Nascimento, 2014) próprios à metodologia da análise do discurso.

Eis a elaboração fascinante de Pêcheux (1981a, p. 11) – “Materialidades discursivas: *quais materialidades se encontram postas em jogo na análise de fatos do discurso pela história, pela psicanálise e pela linguística?*”

Há um real da língua.

Há um real da história.

Há um real do inconsciente.

Essa tripla asserção, em que se manifesta uma relação problemática com o real, exclui de pronto que uma posição teórica organize seu dispositivo de respostas: trata-se assim de resistir ao sistema de falsas respostas que contornam a materialidade daquilo que está “em jogo” na língua.

[...] Tocar nesse triplo real da língua, da história e do inconsciente, sem pressupor uma teoria mais ou menos geral do objeto “discurso”, exige explorar a rede de questões que aí circulam: nossos terrenos de encontro problemáticos (Pêcheux, 1981a, p. 11).

Na abertura do colóquio ‘Materialidades Discursivas’, evento ocorrido nos dias 24, 25 e 26 de abril de 1980, na Universidade de Paris X, em Nanterre, Pêcheux⁷ (1981b, p. 15)

⁶ Confira Milanez (2019).

⁷ Pêcheux, M. [1980]. “Ouverture du colloque”. In: CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean-Jacques; GADET, Françoise; MARANDIN, Jean-Marie; PÊCHEUX, Michel. *Matérialités Discursives*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981b. p. 15-18.

segue: “[...] A questão teórica das *materialidades discursivas* surge precisamente daquilo que, entre a história, a língua e o inconsciente, resulta como heterogeneidade irreduzível: um remoer de falas ouvidas, relatadas ou transcritas, uma profusão de escritos mencionando falas e outros escritos”. Podemos entender, então, que o discurso, a imagem, o som, o corpo têm sua materialidade com a *heterogeneidade irreduzível* (cf. M. Pêcheux): remoem-se restos simbólico, político e ideológico, no mundo, cujas articulações permitem o trânsito da ordem da ideologia à do inconsciente, talvez o vice-versa se faça correspondente, em *profusão de escritos* (e seus efeitos). A remoção se inscreve no material imagético, sonoro, acústico, audiovisual, corpóreo, cujo “real” (ou “reais”) se manifesta(m) na relação *língua-história-inconsciente* no próprio material(idade) que é discurso. Essa relação da língua (pela sintaxe e léxico), da história (pela memória) e do inconsciente (pelo sentido) com o real é o que de fato permite a interpretação do que está em jogo entre ideologia e discurso na materialidade da língua: “trata-se assim de resistir ao sistema de falsas respostas que contornam a materialidade daquilo que está ‘em jogo’ na língua.” (Pêcheux, 1981a, p. 11).

Se para Pêcheux (1981a; nossos grifos), “há um **real da língua**, há um **real da história** e há um **real do inconsciente**”, sua afirmação estabelece a autonomia e a especificidade de cada um desses domínios teóricos (língua – história – inconsciente), que, embora distintos, se cruzam e se articulam na constituição do **discurso** e do **sujeito**.

O real da língua refere-se à materialidade linguística, o sistema de regras e estruturas que permite a produção de enunciados. Ao partir do estruturalismo linguístico, Pêcheux reconhece a autonomia da língua como um sistema formal. Contudo, ele critica a ideia de uma língua transparente e neutra, argumentando que a língua é atravessada por determinações ideológicas e históricas. O “real” aqui é a capacidade da língua de funcionar como um sistema, mas um sistema cujas regras e possibilidades são (des)construídas no uso discursivo e ideológico.

Já o real da história diz respeito às condições materiais e sócio-históricas de produção do discurso. Pêcheux incorpora o materialismo histórico (influenciado em Althusser) para argumentar que o discurso não é produzido no vácuo, mas sim em formações ideológicas específicas que determinam o que pode e o que não pode ser dito. O “real” da história impõe limites e possibilidades ao sujeito e ao discurso, materializando as relações de classe e poder como elementos constitutivos do sentido.

Por fim, o real do inconsciente (conceito proveniente da Psicanálise e notavelmente influenciado por Lacan) introduz a dimensão do sujeito desejante e clivado. Para Pêcheux, o inconsciente é o que “falha” na interpelação ideológica, o ponto onde a sujeição (subjetivação) não é completa e onde o sentido escapa ou se mostra equívoco. O inconsciente é um “capítulo censurado” da história do sujeito, que se manifesta nas falhas, nos silêncios e nos lapsos da linguagem, o que Pêcheux chama de “falha constitutiva” da linguagem e do sujeito. É essa falha que possibilita a resistência e a transformação, quebrando a completude imaginária da ideologia.

Portanto, Pêcheux (1981a) argumenta que o discurso é o ponto de intersecção e o “nó” onde esses três “**real**” se encontram e se articulam, sem que um se sobreponha a outro. A análise do discurso, diante disso, busca entender como esses três “real” autônomos (e interconectados!) agem na produção de sentidos, desvendando as evidências e a transparência imaginária da linguagem. É nessa perspectiva do “real” (da **história**, da **língua**, do **inconsciente**) que a Análise do Discurso integra **Teoria Marxista, Linguística e Psicanálise**.

Em *La Langue Introuvable*, Françoise Gadet e Michel Pêcheux (1981) nos dizem sobre o real da língua:

[...] a questão de um real da língua inscreve-se nessa disjunção maior entre a noção de uma ordem própria à língua, imanente à estrutura de seus efeitos, e a de uma ordem exterior, que remete a uma dominação a conservar, a reestabelecer ou a inverter.

Para os que sustentam que a língua trabalha com a existência de uma ordem própria, o real da língua reside naquilo que nela faz Um, a assegura no Mesmo e no Idêntico e a opõe a tudo o que da linguagem cai para fora dela, nesse inferno ininteligível que os Antigos designavam pelo termo “Barbarismo”: o campo do interdito na linguagem é, assim, estruturalmente produzido pela língua, do interior dela mesma. O barbarismo constitui a designação arcaica, ao mesmo tempo linguística e política, do exterior da língua. Ele é o sintoma, pela relação com o nada, da primeira percepção do impossível. É por esse viés que uma reflexão gramatical autônoma começa a se constituir.

É justamente nesse ponto do interdito que os adversários dessa posição situam suas suspeitas: eles não querem ser enganados por uma obrigação social dissimulada em uma ordem natural, por uma coação política, fazendo-se passar por necessidade linguística. A ordem da língua? Nada mais do que a ordem política da língua [...]. (Gadet; Pêcheux, [1981]2004, p. 30-31).

O real da língua é inscrito na disjunção do interior e da exterioridade: por um lado, está no domínio da estrutura e de seus efeitos, por outro, está no domínio da conservação, do reestabelecimento ou da inversão. Desse funcionamento resultou o que Pêcheux nomeou como interdito – algo que trabalha e funciona nessa disjunção. O interdito é o sintoma “pela

relação com o nada”, mas é política por coação da própria ordem da língua, da sua estrutura, “por necessidade linguística”.

Examinamos, assim, nosso primeiro objetivo⁸: como Pêcheux desenvolveu uma teoria da ideologia que integra a Psicanálise (Freudo-Lacanian), com destaques para o caráter não transparente da linguagem e para a constituição do sujeito pelo inconsciente e pela história.

Da Ideologia à Materialidade Discursiva

O segundo movimento dedica-se à sistematização das contribuições de Louis Althusser e Michel Pêcheux para apreender a materialidade ideológica e seus modos de operação nos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE). Trata-se do gesto que instala o *corpus* e define o campo conceitual em que se sustenta a leitura cruzada entre ambos os autores. Nessa direção, a descrição dos conceitos e das condições de produção em que se inscrevem constitui o primeiro “movimento pendular” (Gadet; Pêcheux, [1981]2004, p. 31). Um vaivém entre filiações teóricas que ora convergem, ora friccionam, abrindo espaço para gestos interpretativos que deslocam a leitura.

O paradigma indiciário (Ginzburg, 1989) orienta esse gesto ao permitir que se observe como ideologia e interpelação ganham espessura quando reinscritos por Pêcheux em uma lógica discursiva atravessada por opacidade significativa e historicidade dos sentidos. A complementaridade entre os autores não apaga suas singularidades; ao contrário, evidencia-as.

Assim, o quadro conceitual que se forma sustenta a oscilação entre teoria e análise. A complementaridade configura um gesto político de reinscrição, parte da teoria de Althusser como base e tensiona essa mesma base quando reinscrita no material discursivo formulado por Pêcheux.

Nesse percurso, o pesquisador intervém nos conceitos, produz relações entre eles, revelando aproximações, distanciamento e reconfigurações. Situada politicamente e guiada pelo movimento pendular, é nessa posição que confere ao segundo movimento seu caráter de instalação: apreender como a teoria de Althusser sustenta, tensiona e desloca Pêcheux.

Para apreender de que modo “ideologia” e “discurso” constituem e posicionam o sujeito, torna-se fundamental situar a dimensão simbólica que atravessa a experiência

⁸ Para mais detalhamentos, indicamos as leituras de Leite (1994), Teixeira (1997), Indursky (2000, 2003), Plon (2005), Gregolin (2004; 2005; 2011), Gasparini (2011), Figueira (2012).

humana. Na leitura de Lacan, retomada por Barbosa Filho (2025), o simbólico organiza a existência por meio de leis, normas, instituições e práticas sociais, produzindo uma rede que antecede o sujeito e o insere na relação com o Outro; pela circulação dos significantes, regula também os dispositivos que influenciam o dizer e o ouvir.

Sob esse horizonte, a articulação entre ideologia e discurso adquire densidade própria. Em Althusser (1970), a ideologia é prática material, inseparável dos AIE, sustentando rituais que instituem formas de reconhecimento, desejo e pertencimento. A interpelação projeta o indivíduo em posições que asseguram sua inserção na ordem simbólica.

Pêcheux (1975; 1980, 1981, 1982, 1983, 1984) reinscreve essa formulação no campo discursivo, propondo o discurso como prática material que condensa marcas ideológicas. Textos, arquivos e gestos linguageiros configuram espaços de inscrição do sujeito, nos quais emergem deslocamentos, adesões e resistências. A interpelação ganha desdobramento: identificação, contraidentificação e desidentificação (Pêcheux, 1975b), momento em que o sujeito se constitui como efeito e falta.

Esse enquadramento sustenta a leitura cruzada entre os autores, resultante do movimento pendular. Conceitos como “ideologia”, “interpelação”, “posição-sujeito”, “formação discursiva”, “AIE” e “materialidade discursiva” constituem o campo analítico em que se inscrevem aproximações e deslocamentos, configurando reciprocidades interpretativas que produzem novos relevos conceituais. Assim, o movimento pendular conduz à sistematização apresentada no quadro, no qual os significantes provenientes de Althusser e de Pêcheux se organizam de modo a evidenciar convergências e tensões permitindo visualizar como a materialidade discursiva se entrelaça na constituição do sujeito, das práticas e dos sentidos.

Quadro 1 – Perspectivas de Althusser e Pêcheux

EIXO DE ANÁLISE	ALTHUSSER	PÊCHEUX	LEITURA CRUZADA
Ideologia como prática material	A ideologia aparece como um arranjo material que captura o sujeito no interior dos AIE, sustentado por rituais que influenciam gestos e reconhecimentos, inscrevendo corpo e linguagem em circuitos de pertença.	A ideologia atravessa o dizer e faz operar efeitos de sentido que se tecem entre memória, história e posições enunciativas, revelando a espessura significativa que antecede o sujeito.	A materialidade ideológica adquire uma vibração discursiva: aquilo que em Althusser se figura como rito social encontra, em Pêcheux, sua dobra significativa, lugar onde o sujeito se enlaça aos sentidos que o ultrapassam.
Constituição do sujeito	O sujeito surge no ponto da interpelação: alguém é chamado, volta-se ao chamado e se reconhece nele, entrando no circuito que sustenta a ordem simbólica.	O sujeito emerge num entrecruzamento entre discurso, ideologia e inconsciente; suas posições resultam de filiações de memória e do jogo sempre incompleto do significativo.	O sujeito se constitui num processo histórico-simbólico feito de aderências e rachaduras: a interpelação althusseriana encontra, em Pêcheux, seu movimento de deslizamento, onde identificação, contraidentificação e desidentificação revelam o sujeito como efeito e falta.
Formações ideológicas, AIE e formações discursivas	Os AIE funcionam como dispositivos que organizam práticas e regulam modos de inscrição social, produzindo sujeitos atravessados por instituições que os antecedem.	As formações discursivas configuram territórios em que posições e sentidos se distribuem, marcando o que surge, o que falha, o que escapa na fala.	As formações discursivas constituem a materialização micrológica dos AIE: a disputa ideológica se inscreve na circulação dos sentidos.
Luta de classes	A luta de classes movimenta as formações ideológicas e delinea os contornos dos AIE, sustentando tensões que produzem estabilidade e ruptura.	A luta de classes atravessa a materialidade significativa, deslocando o dizer e reinscrevendo sentidos conforme embates históricos.	A luta de classes desestabiliza sentidos e reposiciona sujeitos, articulando estrutura e discurso em um movimento histórico tenso.
Estrutura e acontecimento	A estrutura organiza o campo da ideologia e confere regularidade aos modos de reprodução social, estabilizando posições.	O acontecimento discursivo irrompe como abertura ao equívoco, ponto em que o sentido se desvia e faz surgir outra tessitura significativa.	Estrutura e acontecimento compõem um movimento pendular que sustenta a historicidade dos sentidos: a estrutura sedimenta; o acontecimento desloca; no intervalo entre ambas, o sujeito se reescreve.

Fonte: elaboração dos autores com base em Althusser e Pêcheux.

Tomada como prática material, a ideologia projeta o primeiro eixo. Em Althusser, inscreve-se nos AIE e organiza práticas e reconhecimentos (Althusser, 1970). Pêcheux reinscreve essa perspectiva no campo discursivo, revela que essa mesma materialidade atravessa o dizer e se manifesta nos efeitos de sentido construídos em relação à memória e às condições de produção (Pêcheux, 1980; 1983a; 1984). A leitura cruzada evidencia que o movimento dos sentidos atualiza o funcionamento ritual da ideologia, deslocando a análise do plano institucional para a trama significativa.

O segundo eixo situa o sujeito como feito direto dessa materialidade. Althusser (1970) define-o pela interpelação; Pêcheux (1975b; 1981a; 1981b; 1983a; 1983b; 1984) o reescreve no cruzamento entre discurso, ideologia e inconsciente. A complementaridade indica que a constituição do sujeito é processo histórico-simbólico, movendo-se entre o chamado ideológico e deriva dos sentidos, modulada por identificação, contraidentificação e desidentificação.

O terceiro eixo articula formações ideológicas, AIE e formações discursivas. Em Althusser (1970), os AIE constituem instâncias responsáveis por produzir e reproduzir ideologias, organizando práticas que orientam o reconhecimento social. Escola, família, religião, direito e mídia delineiam modos de inscrição dos sujeitos no tecido social. Ao deslocar o foco para o discurso, Pêcheux (1975) evidencia que as formações discursivas funcionam como espaços em que posições e sentidos se distribuem e se confrontam. A leitura cruzada sugere que essas formações discursivas constituem a materialidade micrológica das tensões presentes nos AIE.

O quarto eixo introduz a luta de classes como força estruturante das ideologias e dos sentidos. Em Althusser (1970), ela movimenta as formações ideológica; em Pêcheux (1980; 1983a; 1984) atravessa a materialidade significativa, indicando que cada gesto de formulação carrega tensões históricas que se atualizam nos embates entre memórias discursivas. A leitura complementar articula estrutura e acontecimento, mostrando a luta de classe como motor das derivas e reposicionamentos do sujeito.

O último eixo articula estrutura e acontecimento. A estrutura fornece o plano de regularidade da ideologia (Althusser, 1970); já o acontecimento discursivo (Pêcheux, 1983b) marca o ponto em que o sentido se deriva. Aqui, é a atualização de uma memória (discursiva) em acontecimento por estrutura (linguística). Entre ambos, instala-se o movimento pendular que reinscreve memórias (do passado) e produz deslocamentos de sentidos (para o presente).

Até aqui, vimos que o sujeito se constitui na materialidade discursiva, atravessado por ideologias que organizam suas posições e seus modos de dizer. Falta ainda aproximar essa dinâmica da contradição que a sustenta. Seguimos! A constituição do sujeito, como vimos, não se dá em um terreno neutro, mas em um campo perpassado por disputas que delimitam o que pode ser pensado e dito.

Quando a linguagem deixa ver os conflitos que a atravessam, torna-se incontornável retornar a luta de classes como princípio organizador das formas materiais de existência e, portanto, das formas de subjetivação. Ela não opera como pano de fundo, mas como força ativa que tensiona os AIE e inscreve o sujeito em relações contraditórias.

Luta de classes – “Ousar pensar e ousar se revoltar”

O terceiro movimento complementa os anteriores ao discutir a luta de classes enquanto constitutiva do real da história e motor das tensões que atravessam ideologia e discurso e interpelam a forma-sujeito, permitindo compreender como se instituem tanto as reproduções quanto as brechas para a transformação.

A luta de classes é uma hidra de mil faces. As obras de Marx, Engels e Lênin fornecem bases suficientes para examinar este fenômeno sem reduzir sua incidência ao domínio econômico (Marx; Engels [1848]2021; Marx, [1850]2020; Lênin, [1902]2010). A partir destes autores, compreendemos por “luta de classes” os confrontos que se produzem entre as classes sociais com interesses antagônicos. O interesse de classe não é determinado pela consciência de classe, mas antes pela posição objetiva que cada classe ocupa no conjunto das relações sociais. Nas sociedades capitalistas, burgueses e proletários representam classes antagônicas, porque seus interesses são opostos. Esta contradição se faz presente em todas as dimensões da vida social. Portanto, o antagonismo que se estrutura – a partir das relações sociais de produção capitalista – opõe burgueses e proletários, não apenas no campo econômico, mas também nos planos político e ideológico.

Ao focar a luta de classes no campo ideológico, Althusser ([1970]2022) situa como uma dimensão necessária à reprodução do conjunto das relações sociais de produção. Nesse contexto, o Estado atua por meio de dois mecanismos complementares: o Aparelho Repressivo de Estado, que opera predominantemente pela coerção, e os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), que atuam majoritariamente pela via ideológica. Neste ponto

destaca que a ideologia da classe dominante não se torna dominante por acaso, mas pelo estabelecimento de Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), “onde esta ideologia é realizada e se realiza, que ela se torna dominante” ([1970]2022, p. 119). No entanto, esse processo não ocorre sem resistência, pois os AIE são também palco de embates entre ideologias “antagônicas”. Assim, a luta de classes se manifesta nos AIE como um aspecto mais amplo da disputa ideológica, em que a classe dominada busca afirmar sua posição dentro e contra esses aparelhos. Embora a ideologia dominante se efetive nos AIE, ela os ultrapassa, pois se origina das condições de existência e das experiências das classes em contradição. Dessa forma, a ideologia não nasce dos próprios AIE, mas das relações de força e das contradições inerentes à estrutura social (Althusser, 1970). Um ponto em conexão de Pêcheux com Althusser é a relação entre luta de classes e ideologia(s).

Para Pêcheux ([1984]2014, p. 3), “a luta de classes atravessa o modo de produção no seu conjunto e que, no que concerne à esfera da ideologia, a luta de classes *passa pelos* AIE”. Em seu texto “Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes”⁹, Michel Pêcheux (1984) inicialmente retoma as análises desenvolvidas em *Les Vérités de la Palice*, para “esclarecer” sua posição teórica a partir de Althusser. Vai reafirmar que a ideologia não pode ser compreendida como um *Zeitgeist*¹⁰ homogêneo que pairaria sobre a sociedade de forma uniforme e anterior à luta de classes. Os AIE não representam a realização abstrata de uma ideologia geral nem a expressão sem conflitos da ideologia da classe dominante. Elas são o lugar e o meio de sua realização e é através dela que a ideologia da classe dominante se torna ideologia dominante. Porém, longe de funcionarem como instrumentos automáticos de reprodução das relações de produção, os AIE são “o palco de uma difícil e ininterrupta luta de classes”. Um terreno estratégico em que se travam lutas contínuas, possibilitando tanto a reprodução quanto a transformação dessas relações, ou seja, “simultânea e contraditoriamente, o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações de produção (isto é, da revolução, no sentido marxista-leninista)” (Pêcheux, [1984]2014, p. 4).

Pêcheux ([1975a]1988) ressalta que a compreensão das “condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção” não pode ser dissociada das determinações econômicas que, em última instância, estruturam esses processos no interior da

⁹ Este texto foi publicado em alemão como “Zu rebelieren und zu Denken wagen! Ideologien, Widerstände, Klassenkampf” em *KultuRRevolution*, 1984. A revista alemã “KulturRevolution” é uma publicação dedicada à teoria do discurso. Fundada em 1982, suas capas experimentais são desenvolvidas por artistas como Rico Lins. PÊCHEUX, Michel. [1984]. “Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes,” *Décalages*, v. 1: n. 4, 2014. Disponível em: <https://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss4/15>

¹⁰ Esclarece: “espírito do tempo, “mentalidade” de uma época, “hábitos de pensamento” etc.” (Pêcheux, [1984]2024, p. 3)

própria produção material. O autor sublinha que a reprodução e a transformação não constituem esferas separadas, mas expressam o caráter contraditório inerente a qualquer modo de produção baseado na divisão de classes, cuja dinâmica é atravessada permanentemente pela luta de classes. Nesse sentido, não se deve distinguir, no plano teórico, elementos exclusivamente reprodutores ou exclusivamente transformadores, pois a luta de classes permeia todo o modo de produção e incide diretamente sobre o funcionamento dos Aparelhos Ideológicos de Estado, que se tornam espaços privilegiados dessas contradições.

Como ser imerso nessa trama ideológica, o sujeito não é portador de uma consciência autêntica ou original, mas é, desde sua formação, um produto de um sistema de significantes que o inscrevem em posições determinadas. A ideologia se torna, assim, um modo de constituição do sujeito, um processo contínuo de subjetivação que não se limita a uma imposição, mas envolve um “assujeitamento” ou uma aceitação inconsciente das ordens e das normas que estruturam a vida social.

A reflexão de Pêcheux evidencia que a ideologia opera como uma instância material de produção de sentido, instaurando formas de reconhecimento que parecem naturais, mas que são historicamente determinadas. Ao interpelar o sujeito, ela define o campo do pensável e do dizível, estabelecendo os limites do que é tomado como evidente ou legítimo. Essa dimensão material e constitutiva da ideologia se torna particularmente visível nos Aparelhos Ideológicos de Estado, onde as práticas discursivas e institucionais reafirmam e reproduzem as relações de poder e de produção.

O Aparelho Ideológico de Estado (AIE) atua como um lugar onde essa ideologia se cristaliza e se reatualiza, sempre por meio de práticas que não são meramente impositivas, mas que se tornam internalizadas no cotidiano. “Diremos que o caráter material do sentido – mascarado por sua evidência transparente para o sujeito – consiste na sua dependência constitutiva daquilo que chamamos ‘o todo complexo das formações ideológicas’” (Pêcheux, [1975a]1988, p. 160). A reprodução das relações de produção se dá também por meio desses mecanismos ideológicos, que, longe de serem neutros, estruturam os desejos e os saberes, transformando-os em instrumentos de conformação. No entanto, é necessário sublinhar que, dentro dessa estrutura ideológica, existe uma contradição.

Ao mesmo tempo que funciona como um campo de reprodução das relações de classe, o AIE também está imerso em um jogo de forças que envolve disputas ideológicas, que também envolvem formas diversas de subjetivação. Nos AIE, essa ideologia dominante torna

algo naturalizado e absorvido pelo sujeito. O sujeito não apenas consente com a ordem dominante, mas, em grande medida, participa ativamente na sua própria constituição ideológica, internalizando formas de ver e de sentir o mundo que, paradoxalmente, o mantém na condição de alienação.

O papel do sujeito, nesse contexto, é entender que a ideologia não é apenas um reflexo da realidade material, mas sim uma forma de sua (re)produção e transformação vinculada à divisão das classes. Por conseguinte, a consciência de classe e sua subjetivação não é algo dado, mas algo que deve ser trabalhado, desconstruído e ressignificado. A luta ideológica, portanto, não é uma simples batalha entre dois mundos previamente constituídos, mas uma constante reconfiguração das relações de poder, uma contradição onde o sujeito, constantemente reconstituído pela ideologia, pode também, se for capaz de um trabalho de desidentificação (Pêcheux, 1975a; 1984), criar possibilidades de transformação.

Nesse movimento, a crítica psicanalítica e marxista se entrelaça, pois ambas veem no sujeito não apenas um ser passivo, mas um sujeito alienado e, ao mesmo tempo, criador de suas próprias condições de existência. A luta ideológica, portanto, se dá no plano da subjetividade, mas também na base das relações sociais que produzem essa subjetividade. Não se trata apenas de entender a ideologia como um mecanismo de opressão, mas de perceber sua função e funcionamento na constituição do desejo e na organização da subjetividade, sendo necessário questionar até que ponto a consciência do sujeito pode ser liberada da armadilha da ideologia dominante, sem cair na ilusão de um sujeito que seria totalmente autônomo ou puramente crítico – por isso, a língua é inatingível! (Gadet; Pêcheux, 1981).

A transformação não ocorre apenas por uma crítica externa à estrutura ideológica, mas por uma reconstrução interna da subjetividade. Esse processo de reconstruir é um trabalho que exige tanto uma compreensão da dialética social, quanto a capacidade de lidar com as contradições internas do sujeito. Não se trata apenas de um reflexo das relações de produção, mas também se trata especialmente de um ser que pode, a partir de sua própria divisão, iniciar processos de mudança – pela ousadia: “Ousar pensar e ousar se revoltar”.

Uma vez mais, citamos Pêcheux (1975):

O conceito de *Ideologia* em geral aparece, assim, muito especificamente como o meio de designar, no interior do marxismo-leninismo, o fato de que as relações de produção são relações entre “homens”, *no sentido de que não são relações entre coisas, máquinas, animais não-humanos ou anjos; nesse sentido e unicamente nele*: isto é, sem introduzir simultânea, e sub-repticiamente, uma certa idéia de “o

homem”, como antinatureza, transcendência, sujeito da história, negação da negação, etc. (Pêcheux, [1975a]1988, p. 151-152).

A partir dessa ótica, o conceito de interpelação ideológica pode ser visto como um mecanismo que não só vincula o indivíduo à ideologia dominante, mas que também, por meio dessa relação, influencia a própria subjetividade. Nesse sentido, a ideologia não atua apenas como uma rede de ideias, mas como um aparato que interage diretamente com o sujeito, criando uma identidade, uma sensação de pertencimento e um lugar social, mas também o mantém cativo dentro das determinações das relações de classe (Montag, 2013; 2017; Nir, 2017; Read, 2017).

A tese na qual “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” (Althusser, [1970]2022) indica que a ideologia não apenas influencia o sujeito, mas o constitui como tal. Ela não apenas define o que o sujeito é, mas também o que ele deve ser, no sentido de um sujeito inserido em uma estrutura de poder que impõe as condições e os limites da sua própria subjetividade. Nem sempre impõe, muitas vezes negocia essas condições e limites. Isso se dá, portanto, em um processo de identificação, em que o sujeito aceita e se submete a um “grande sujeito” – uma instância universal que lhe diz como o mundo é e como ele deve agir dentro dele, seja na forma de moral, lei ou saber (Pêcheux, 1975b; 1984; Gadet; Pêcheux, 1981). No entanto, a relação sujeito/Sujeito não é isenta de contradições.

Embora imponha uma evidência absoluta, a ideologia não é totalmente homogênea nem infalível. Como nos mostra o exemplo da Primeira Guerra Mundial, a ideologia pode ser contestada, desconstruída ou, ao menos, transformada. Essa contestação ocorre por meio de um processo de contraidentificação (Pêcheux, 1975b), cujo sujeito começa a perceber as inconsistências e as contradições de sua posição ideológica, como, por exemplo, a desigualdade presente em uma guerra que se justifica pela “igualdade” entre os indivíduos que a enfrentam. No entanto, a contraidentificação não resolve a totalidade da contradição, pois o sujeito, ao resistir à ideologia dominante, ainda permanece preso à sua lógica. A verdadeira ruptura ocorre na desidentificação, tomada de posição subjetiva em que o sujeito é capaz de transformar sua posição dentro da estrutura social, não apenas negando ou aceitando passivamente a ideologia, mas criando, por meio de sua ação política, uma nova configuração de sujeito, mais autônoma e reflexiva (Pêcheux, 1975b; 1984; Pêcheux; Gadet; Haroche; Henry, 1982).

Para Pêcheux (1984), desidentificação designa uma ruptura no processo de subjetivação pela ideologia dominante, na qual o sujeito deixa de coincidir com as identificações e contraidentificações já dadas pelo aparelho ideológico, abrindo espaço para uma transformação material da forma-sujeito na luta de classes. Ele define esse processo como “terceira modalidade ideológica” que implica “uma transformação da forma-sujeito sob o efeito desse acontecimento sem precedente na história, que constitui a fusão tendencial das práticas revolucionárias do movimento operário com a teoria científica da luta de classes” (Pêcheux, [1984]2014, p. 9).

A desidentificação não é uma simples recusa ou inversão da ideologia dominante, mas a emergência de práticas e pensamentos que corroem a evidência do “é assim”, deslocando o sujeito do lugar naturalizado de submissão e reabrindo o campo do conflito de classes. Ela opera como tendência material da ideologia proletária que “não cessa de interpelar os indivíduos em sujeitos [...] ‘há revolta’ e ‘isso pensa’” (Pêcheux, [1984]2014, p. 9), perturbando os mecanismos que sustentam a reprodução do poder burguês e afirmando, na luta ideológica, o primado da contradição como motor histórico da emancipação.

Esse processo de desidentificação é crucial, pois é por meio dele que o sujeito pode romper com as determinações ideológicas e construir uma prática revolucionária genuína, que não seja apenas uma subordinação a uma ideia externa ou uma ideia pré-concebida, mas uma prática que emerge de um confronto real com as contradições presentes nas condições materiais de vida. Nesse contexto, a teoria não pode ser entendida como uma mera explicação externa da prática, mas deve ser incorporada na luta, tornando-se um instrumento que permite ao sujeito compreender e transformar as próprias condições de existência.

Para Lenin, “só quando cada operário se considera membro de toda classe operária, quando vê em sua pequena luta quotidiana contra um patrão ou funcionário uma luta contra toda a burguesia e contra todo o governo só então sua luta se transforma em luta de classe.” (Lenin, 1967, *apud* Harnecker, 1981). Assim, a luta de classes pressupõe o reconhecimento do sujeito como integrante de uma classe em ação. A luta de classes, portanto, não é apenas um confronto de ideias, mas um confronto material que exige a transformação do sujeito e das relações sociais, no sentido de um processo contínuo de emancipação (Pêcheux, 1984). Com efeito, o papel da prática revolucionária, como articulada por Lênin, consiste justamente em fazer com que o sujeito não apenas compreenda suas contradições, mas que atue sobre elas, rompendo com os condicionamentos ideológicos que sustentam a ordem capitalista e criando as bases para uma nova ordem, que supere a dominação burguesa.

Ao refletir sobre as possibilidades e tendências de ação revolucionária na ideologia, Pêcheux (1984) argumenta que a tomada de posição revolucionária nas disputas ideológicas nasce da própria condição de dominação em enfrentamento e composição com a ideologia dominante e não exterior a ela.

As ideologias dominadas não emergem de um exterior à dominação; elas se constituem precisamente no interior de sua localização histórica, na relação contraditória com o poder que as oprime. Formam-se nela e contra ela, a partir das falhas, fissuras e tropeços inevitáveis que atravessam o funcionamento da ideologia dominante, mesmo quando esta tenta naturalizar sua força a ponto de dizer que “aí nada se pode fazer”, porque “isso é assim” (Pêcheux, [1984]2014, p. 15).

Nosso autor de referência sublinha a natureza imanente e contraditória da formação das ideologias dominadas, recusando qualquer ilusão de exterioridade pura ou de um “fora” da ideologia. Em chave materialista de leitura do movimento pendular, argumenta-se que a resistência ideológica nasce precisamente no coração da dominação, alimentada pelas rupturas e limites que atravessam a ideologia dominante. Assim, longe de ser reflexo passivo, as ideologias subalternas se constituem como práticas simbólicas e políticas que emergem dos próprios pontos de fricção do poder, abrindo brechas para a crítica e para a luta de classes, mesmo quando a dominação busca se apresentar como natural, inevitável e incontornável.

Tanto Althusser quanto Pêcheux entendem a ideologia como uma prática material, mas suas abordagens apresentam nuances e duelos. Eles convergem no entendimento de que não há prática social desprovida de ideologia. Assim como, não há ideologia sem luta de classes e que é no processo de luta de classes que as ideologias se formam. Ambos consideram que a ideologia não se reduz a uma consciência individual, mas se manifesta em instituições e práticas sociais que interpelam os sujeitos, influenciando suas identidades e subjetividades (Althusser, 1970; Pêcheux, 1975a; 1980; 1983b; Gregolin, 2004).

Althusser introduz o conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) e afirma que a ideologia da classe dominante se perpetua, não por uma simples imposição, mas por meio de práticas cotidianas que naturalizam essa ideologia. A ideologia se inscreve na subjetividade do sujeito, que, ao ser interpelado, se reconhece como parte de um determinado sistema ideológico. A luta de classes, nesse contexto, é uma disputa ideológica que ocorre dentro desses aparelhos, pois a classe dominante não impõe sua ideologia de forma absoluta.

Por sua vez, Pêcheux avança na ideia de ideologia ao destacar o papel das materialidades discursivas, que são práticas discursivas que não apenas refletem a realidade,

mas a constituem e a transformam. Ele enfatiza a interpelação ideológica em que o sujeito não é apenas chamado, mas é constituído como sujeito por meio da ideologia que o individua, da individuação ideológica (Read, 2017). Ao partir de Althusser, que trata os AIE como uma instância fundamental na reprodução da ideologia dominante, Pêcheux (1975a; 1980; 1981a; 1981b) amplia essa análise ao considerar também as disputas ideológicas internas, que envolvem não apenas a classe dominante e dominada, mas uma multiplicidade de formas de subjetivação (de natureza psicanalítica, jamais fenomenológica).

Pêcheux (1984) evidencia que a inflexão teórica de Althusser, ao tentar renovar o marxismo-leninismo mediante a crítica dos Aparelhos Ideológicos de Estado, acabou produzindo um movimento paradoxal: ao mesmo tempo em que denunciava a centralidade da ideologia dominante e a impossibilidade de escapar aos seus mecanismos, Althusser reabria a via para repor, em nível rigorosamente materialista, a luta de classes como eixo analítico incontornável. Ao mostrar que não há exterioridade à ideologia, pois esta se inscreve historicamente na própria reprodução da dominação, ele também desvela seu momento de crise, já que a ideologia dominante só pode operar atravessada por contradições. Reconhecer que a dominação ideológica jamais se realiza sem contradições significa recolocar a práxis revolucionária no centro do processo, recusando leituras deterministas e restituindo à luta de classe seu lugar constitutivo na formação e desintegração das formas ideológicas.

A principal diferença entre eles está na maneira como encaram a contradição interna da ideologia. Althusser vê essa contradição como um campo de disputa dentro dos AIE, enquanto Pêcheux propõe que a ideologia, além de ser reprodutora das relações de poder, também está em constante transformação, com a possibilidade de um sujeito desidentificado criar possibilidades de transformação política e subjetiva. Eis as *condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção* (Pêcheux, [1975a]1988, p. 143).

Em síntese, Althusser e Pêcheux convergem ao afirmar que a ideologia é constitutiva dos sujeitos e central para reprodução/transformação das relações sociais, embora avancem por caminhos distintos. Enquanto Althusser enfatiza a ideologia como estrutura material que naturaliza e reproduz as relações de classe por meio dos aparelhos ideológicos, Pêcheux aprofunda essa perspectiva ao demonstrar que tais aparelhos são também espaços de contradição, onde se produzem fissuras, resistências e possibilidades de transformação. Assim, evidenciam que a luta de classes não se restringe ao plano econômico, mas atravessa todas as dimensões da vida social, inclusive o campo simbólico e subjetivo, no qual se

disputam sentidos e se constituem práticas capazes de questionar e desestabilizar a ideologia dominante.

Ao propor “ousar pensar e ousar se revoltar”, Pêcheux convoca o sujeito à experiência da desidentificação. Longe de qualquer ilusão de autonomia plena, esta experiência revela-se como gesto político inscrito na contradição histórica, no qual o sujeito, constituído e dividido pela ideologia, pode romper com as evidências que o sujeitam e fazer de si parte ativa da práxis revolucionária. Assim, retomando Lênin, compreender e agir como classe implica reconhecer que a emancipação não reside em um além idealizado, mas se forja na luta concreta contra as determinações materiais que produzem e reproduzem a dominação.

Considerações finais

Ao longo deste estudo, a leitura das formulações de Pêcheux e de Althusser evidenciam que a ideologia atravessa o sujeito de maneira material, configurando posições, interpelações e efeitos que estruturam a enunciação e a relação com o mundo. Esses processos emergem na interseção entre interpelações sociais, formações ideológicas e efeitos de estruturas inconscientes, mostrando que a subjetividade se constitui em um movimento contínuo de negociação entre imposições externas e produção singular de sentido. As falhas, os lapsos e os deslocamentos presentes no discurso revelam pontos de tensão que permitem resistência e reinterpretação, mostrando que o sujeito se movimenta entre as determinações que o atravessam e as possibilidades de criação de novos sentidos. Nesse movimento, a luta de classes aparece como força constitutiva que atravessa os discursos e a subjetividade, delineando limites, hierarquias e brechas de contestação, em que as tensões sociais se tornam visíveis e passíveis de transformação.

O exame das formulações de Michel Pêcheux evidencia que sua teoria da ideologia representa um ponto de inflexão na compreensão do sujeito e da linguagem. Ao integrar o Materialismo Histórico, a Linguística e a Psicanálise (Freudo-Lacaniana), o autor inscreve o sujeito em uma dupla determinação, histórica e inconsciente, deslocando a noção de transparência do dizer e revelando a opacidade constitutiva do discurso. A partir da releitura de Althusser, Pêcheux redefine a ideologia como prática material que se realiza nas formações discursivas, em que o sujeito é interpelado e, simultaneamente, atravessado pela falha, pelo

lapso e pelo não dito. Assim, sua teorização faz emergir uma concepção de linguagem como campo de luta e de produção de sentidos sempre inacabados, reafirmando que é no ponto em que a ideologia falha que o sujeito pode deslocar-se e reinscrever-se na história.

Dessa perspectiva, o percurso que vai da ideologia à materialidade discursiva revela um campo de tensões em que estrutura e acontecimento se entrecruzam, reinscrevendo o sujeito no interior das práticas significantes. Ao articular Althusser e Pêcheux, evidencia-se que a ideologia não opera apenas como instância de reprodução social, mas como força material que se inscreve nos gestos, nas palavras e nos rituais cotidianos. O discurso, nesse horizonte, torna-se o lugar em que a ideologia ganha corpo, onde o simbólico se dobra sobre o histórico e onde o sujeito se faz e se desfaz em meio a contradições. Nessa dobra, a luta de classes reaparece como pulsação permanente, sustentando o movimento que faz oscilar entre reconhecimento e resistência, repetição e deslocamento. Assim, a leitura complementar entre Althusser e Pêcheux reafirma a necessidade de pensar o discurso como prática material de intervenção – um espaço em que o sujeito, interpelado e dividido, pode também fazer vacilar o já-dito e abrir brechas para o novo.

A partir das contribuições de Althusser e Pêcheux, compreende-se que os AIE são arenas privilegiadas da luta de classes, atuando na reprodução da dominação, mas também abrindo espaço para resistências. Enquanto Althusser demonstra como a ideologia dominante se materializa e interpela os indivíduos em sujeitos, Pêcheux desvela os mecanismos discursivos dessa interpelação e as possibilidades de sua superação. Seu conceito de desidentificação emerge, de rupturas ou de reprodução/transformação das relações de produção com as evidências ideológicas que sujeitam, um gesto político que nasce das próprias fissuras da dominação. Assim, o imperativo “ousar pensar e ousar se revoltar” concretiza-se na práxis revolucionária capaz de corroer a naturalização da ordem vigente e forjar, a partir da luta ideológica, novas configurações de subjetividade e sociedade. A conclusão que se impõe é que a transformação social está intrinsecamente ligada a esta batalha no plano do pensamento e da subjetividade, onde o sujeito, constituído pela ideologia, pode também tornar-se agente de sua própria emancipação.

A análise demonstrou que a subjetivação não se restringe à dimensão social externa, mas se manifesta na própria articulação do sujeito com os discursos que o constituem. É nesse entrelaçamento que se configuram deslocamentos, reconfigurações e pequenas rupturas, permitindo a emergência de sentidos inesperados. O sujeito é simultaneamente produzido e interpelado, atravessado por forças externas e internas. É nesse atravessamento que se

desenham possibilidades de reflexão, resistência e recomposição de sua própria posição no mundo. De nosso modo, a discussão acentuou o posicionamento do Materialismo Histórico (o real da história) e da Análise do Discurso (o real da materialidade discursiva) para os conceitos fundamentais “ideologia”, “materialidade” e “discurso”, tendo em vista seus funcionamentos nos procedimentos teóricos e analíticos da metodologia da AD.

Ao se inserir no marco de 50 anos da publicação de *Les Vérités de La Palice*, este estudo reafirma a atualidade das reflexões de Michel Pêcheux. A análise evidencia que compreender o sujeito como efeito da linguagem e da ideologia implica apreender os limites do pensável, os deslocamentos do sentido e os espaços de resistência que permitem reinterpretações. Esses elementos revelam a historicidade, a tensão e o caráter situado da subjetivação, demonstrando que pensar a ideologia e a produção discursiva é fundamental para apreender as contradições sociais, os pontos de resistência e as possibilidades de transformação que atravessam o sujeito contemporâneo.

Referências

ALTHUSSER, Louis. [1970]. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2022.

BARBOSA FILHO, Fabio Ramos. **O Que é Análise de Discurso?** Prefácio de Lauro Baldini. Porto Alegre: CirKula, 2025.

BRAGA, Amanda. Discurso, História e Memória em Duas Fotografias de Lula. **Revista Matraca**, UERJ, Rio de Janeiro, v. 27, n. 50, p. 335-352 maio/agosto 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/matraca.2020.46786> Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraca/article/view/46786/34540> Acesso em: 13 out. 2025.

COURTINE, Jean-Jacques. [1981a]. **Análise do Discurso Político** – O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. [1981b]. “O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político”. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Orgs.). **Os Múltiplos Territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1999.

FIGUEIRA, Luis Fernando Bulhões. **O Althusserianismo em Linguística** – a teoria do discurso de Michel Pêcheux. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, 2012.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. [1981]. **La Langue Introuvable**. Paris: Maspero, 1981.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. [1981]. **A Língua Inatingível**: o discurso na história da linguística. Tradução de Bethânia Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.

GASPARINI, Edmundo Narracci. **Língua e Lalangue na Análise do Discurso de Michel Pêcheux**. 2011. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2011.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**: morfologia e história. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Michel Pêcheux e a História Epistemológica da Lingüística. In: FONSECA-SILVA, M. C.; SANTOS, E. J. (Orgs.). **Estudos da Língua(gem)** – Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. Vitória da Conquista-BA: Edições Uesb, 1, jan/jun, 2005, p. 99-111. Disponível em: Vista do Michel Pêcheux e a História Epistemológica da Lingüística (Michel Pêcheux y la Historia Epistemologica de la Lingüística). Acesso em: 04 nov. 2025.

GREGOLIN, Maria do Rosário. “Análise do Discurso e Semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas”. In: SARGENTINI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). **Discurso, Semiologia e História**. São Carlos: Claraluz, p. 83-105, 2011.

HARNECKER, Marta. **Conceitos Elementares do Materialismo Histórico**. São Paulo: Global, 1981.

INDURSKI, Freda. “A Fragmentação do Sujeito em Análise do Discurso”. In: INDURSKY, F.; CAMPOS, M. do C. (Orgs.). **Discurso, Memória, Identidade**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 2000 (Col. Ensaios, 15). p. 70-81.

INDURSKY, F. Lula Lá: estrutura e acontecimento. **Revista Organon**, UFRGS, Porto Alegre, vol. 17, n. 35, p. 101-121, 2003. Disponível em: Vista do LULA LÁ: ESTRUTURA E ACONTECIMENTO Acesso em: 28 out. 2025.

KOGAWA, João Marcos Mateus. **Por Uma Arqueologia da Análise do Discurso no Brasil**. 2012. 209 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, *Campus* de Araraquara, São Paulo.

KOGAWA, João Marcos Mateus. **Linguística e Marxismo**: condições de emergência para uma teoria do discurso francesa no Brasil. São Paulo: Editora UNIFESP, 2015.

LEITE, Nina. **Psicanálise e Análise do Discurso**: o acontecimento na estrutura. RJ: Campo Matêmico, 1994.

LENIN, V. I. [1902]. **Que Fazer?** Problemas Candentes do Nosso Movimento. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. [1845-1846]. *A Ideologia Além*. Teses sobre Feuerbach. São Paulo: Moraes, 1984.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. [1848]. **O Manifesto Comunista**. Tradução de Ivana Jinkings e Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2021.

MARX, Karl. [1850]. **A Luta de Classes na França**. Tradução de Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2020.

MILANEZ, Nilton. **Audiovisualidades**: elaborar com Foucault. Londrina: EdUEL; Guarapuava: Ed. Unicentro, 2019.

MONTAG, Warren. **Althusser and His Contemporaries**: Philosophy's Perpetual War. Duke University Press, Durham and London, 2013.

MONTAG, Warren. Althusser's Empty Signifier: What is the Meaning of the Word "Interpellation"? **Mediations** – Journal of the Marxist Literary Group, Chicago (USA), v. 30, n. 2, p. 63-70, 2017.

NARZETTI, Claudiana N. P. **O Projeto Teórico de Michel Pêcheux**: de uma teoria geral das ideologias à análise do discurso. São Paulo: Annablume, 2012.

NASCIMENTO, Lucas. Modos de Procedimentos Teóricos e Analíticos nas Pesquisas em Análise do Discurso da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade do Porto (UP). **Revista Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 43, n. 3, p. 1190-1206, 2014. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/516/417> Acesso em: 20 jan. 2025.

NASCIMENTO, Lucas. **Análise do Discurso e Ensino**: políticas de produção, mídia e saberes do professor de português em formação. Alemanha: NEA Editores, 2015.

NASCIMENTO, Lucas. "A escrita da Análise do Discurso e as políticas de produção escrita". In: NASCIMENTO, L.; MEDEIROS, B. W. L. (Orgs.). **Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso**: heranças, métodos, objetos. Alemanha: NEA Editores, 2016. p. 125-153.

NASCIMENTO, Lucas. Leitura, Objeto e Escrita Sensorial: a formação do analista do discurso. **Revista Linguística Rio**, UFRJ, v. 3, n. 1, p. 1-23, 2017.

NASCIMENTO, Lucas. **Insinuações da Carne**: Ordem da Imagem e Sentidos do Olhar – por questões de leitura de fotografia digital da *G Magazine*. 217 f. 2019. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, *Campus* Ilha do Fundão, Rio de Janeiro, RJ, 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Qgom4YSN7JcxcT1ZgIQcfRaLsr0NayDa/view> Acesso em: 13 out. 2025.

NASCIMENTO, Lucas. Corpo Preto Sem Cabelo, Humilhação de Atriz Estadunidense e Emoções Humanitárias: a piada no Oscar 2022. **Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Labeurb/UNICAMP, Campinas, SP, vol. 27, n. 00, p. e024014, 2024a. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8678016> DOI: <https://doi.org/10.20396/lil.v27i00.8678016> Acesso em: 13 out. 2025.

NASCIMENTO, Lucas. Corpo e Discurso: Lula (1979-2023) e o Povo Brasileiro – da sua governamentalidade à biopolítica de diversidade, direitos humanos e inclusão. **Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som**, v. 9, n. 3, p. 12-48, Museu Nacional-UFRJ, Rio de Janeiro, set./dez. 2024b. DOI: <https://doi.org/10.61358/policromias.2024.v9n3.66573>. Acesso em: 13 out. 2025.

NIR, Oded. Althusser, or The System. **Mediations** – Journal of the Marxist Literary Group, Chicago (USA), vol. 30, n. 2, p. 71-75, 2017. Disponível em: Althusser, or The System | Mediations | Journal of the Marxist Literary Group Acesso em: 28 set. 2025.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. [1975]. “A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas.” In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990.

PÊCHEUX, Michel. [1975a]. **Les Vérités de la Palice** – Linguistique, Sémantique, Philosophie. Édition en Anglais, 1975. [Tradução brasileira: PÊCHEUX, Michel. [1975]. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.]

PÊCHEUX, Michel. [1975b]. “A Forma-Sujeito do Discurso”. In: PÊCHEUX, M. [1975]. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. São Paulo: Ed. Unicamp, 2009. p. 145-168.

PÊCHEUX, Michel *et al.* [1980]. « Actes du Colloque Matérialités Discursives ». Université Paris X – Nanterre, 24-26 avril 1980. In: PÊCHEUX, M. *et al.* (Orgs.). **Matérialités Discursives**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981. [Tradução brasileira: PÊCHEUX, Michel *et al.* **Materialidades Discursivas**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi, Debora Massmann *et al.* Campinas: Ed. Unicamp, 2016.]

PÊCHEUX, Michel. [1981a]. « Questions initiales ». In: PÊCHEUX, M.; CONEIN, B.; COURTINE, J.-J.; GADET, F.; MARANDIN, J.-M. **Matérialités Discursives**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981. p. 11-12.

PÊCHEUX, Michel. [1981b]. « Ouverture du colloque ». In: PÊCHEUX, M.; CONEIN, B.; COURTINE, J.-J.; GADET, F.; MARANDIN, J.-M. **Matérialités Discursives**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981. p. 15-18.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise; HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul. [1982]. “Nota sobre a questão da linguagem e do simbólico em Psicologia”. In: PÊCHEUX, M. **Análise de**

Discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 55-71.

PÊCHEUX, Michel. [1983a]. “Papel da memória.” *In*: ACHARD, P. *et al.* (Org.). **Papel da Memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

PÊCHEUX, Michel. [1983b]. « Discourse: structure or event? – Actes du Colloque Marxism and Interpretation of Culture: Limits, Frontiers, Boundaries ». L’Université Urbana-Champaign, 8-12 juillet 1983. *In*: PÊCHEUX, M. **L’inquietude du Discours**. Textes choisis et présentés par Denise Maldidier. Paris: Éditions des Cendres, 1990. p. 303-323.

PÊCHEUX, Michel. [1983c]. “A Análise de Discurso: três épocas (1983)” *In*: GADET, F; HAK, T. **Por Uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997. p. 311-318.

PÊCHEUX, Michel. [1984]. Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. **Décalages**, v. 1, n. 4, article 15, p. 1-23, 2014. Tradução de Peter Schöttler. Disponível em: <https://scholar.oxxy.edu/decalages/vol1/iss4/15> Acesso em: 01 nov. 2025.

POULANTZAS, Nicos. **Poder Político e Classes Sociais**. Tradução de Maria Leonor F. R. Loureiro. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

PLON, Michel. “Análise do discurso (de Michel Pêcheux) vs. Análise do inconsciente.” *In*: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Orgs.). **Michel Pêcheux e a Análise de Discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 33-50.

READ, Jason. Ideology as Individuation, Individuating Ideology. **Mediations** – Journal of the Marxist Literary Group, Chicago (USA), vol. 30, n. 2, p. 77-84, 2017. Disponível em: Ideology as Individuation, Individuating Ideology | Mediations | Journal of the Marxist Literary Group Acesso em: 20 abril. 2025.

RIBEIRO, Jocenilson. **Xenofobia e Intolerância Linguística**: discursos sobre estrangeiridade e hostilidade brasileira. Campinas: Pontes, 2022.

TEIXEIRA, Marlene. O “sujeito” é o “outro”? Uma reflexão sobre o apelo de Pêcheux à psicanálise. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, PUCRS, v. 32, n. 1, 1997. Recuperado de: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/15263> Acesso em: 01 nov. 2025.

Recebido em: 10/11/2025; **Aceito em:** 02/12/2025.